

Editorial

Alan Chalmers defende a ciência como uma prática social, como uma necessidade da própria sociedade de se modernizar, de produzir conhecimento, de inovar e criar novas tecnologias. Sendo as academias, institutos e universidades a realização da missão encampada no tripé ensino, pesquisa e extensão, seriam elas os pontos de partida para o ‘fazer ciência’? Tudo parece indicar que sim, embora recentemente Bruno Roberto Padovano, professor da prestigiada Universidade de São Paulo, tenha afirmado que a ‘única’ razão da existência das universidades é atender aos alunos.

É claro que Padovano foi rebatido por diversos estudiosos, pesquisadores e professores da mesma instituição. Sem dúvida, o ensino se apresenta de forma direta na interação professor aluno nos processos de ensino e aprendizagem. Mas quando nos direcionamos ao segundo eixo do tripé, vislumbramos claramente que o fazer ciência se materializa na pesquisa, sobretudo aquelas que apresentam seus resultados. E finalmente, a extensão nos possibilita levar esse conhecimento até a comunidade, à sociedade, ao mundo.

Chalmers afirma que há na ciência um aspecto prático e a experiência mostra que a ciência em algum estágio de seu desenvolvimento envolverá um conjunto de técnicas para articular, aplicar e testar as teorias das quais é formada. Assim, os desafios assumidos por nossa comunidade acadêmica contemplam e valorizam ao máximo a aplicação e cumprimento da missão institucional no ensino, na pesquisa e na extensão.

Estamos ‘fazendo ciência’ em todos os seus estágios: ensinando, pesquisando e compartilhando conhecimentos. Os artigos deste número expressam essa conquista cotidiana no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São Roque, e nas instituições de nossos colaboradores. Boa leitura.

Frank Viana Carvalho
EDITOR-CHEFE DA SCIENTIA VITAE